

Excelência das Formas Vernáculas¹

Sousa da Silveira

Camões, numerando entre as causas da afeição de Vênus aos lusitanos “a língua, na qual quando [a deusa] imagina, com pouca corrupção crê que é a latina” e o erudito André de Resende, escrevendo “nostra lingua, quae pene latina est”², mostraram que no século XVI já havia quem tivesse a respeito da filiação do português uma ideia bastante verdadeira.

A moderna ciência aconselharia apenas a trocar, na afirmação de Camões, a palavra corrupção por alteração. Ficaria dito que o português se afigura o latim com pouca alteração, e deste modo haveria na sentença do grande vate perfeita exatidão científica. De fato a expressão portuguesa que remanesceu da alteração de uma latina, é tão boa para nós como o era para os romanos a sua locução intacta.

Contudo, assim muitas vezes não pensavam os nossos maiores. Eles tomavam o latim clássico por padrão da correta linguagem, e por isso imitavam construções daquele idioma, que não o eram nossas, e se percebiam no português um vocábulo romano reduzido em sua estrutura pela adaptação popular, não raro haviam a forma vernácula por corrompida e menos nobre, e, afastando-a do uso, punham a preencher a lacuna uma dição mais alatinada. Tal o motivo do desaparecimento, na língua literária, de muitas palavras outrora largamente usadas.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2024n66.1404>

1 Publicado em *Revista de Língua Portuguesa*, ano II, n. 9, p. 19-22, 1921.

2 Epifânio Dias, *Os lusíadas*, tomo I, p. 25.

Infelizmente este preconceito, de que a voz legítima portuguesa é uma corrupção, uma coisa inferior ao tipo latino, ainda perdura em nossos tempos, e não só em espíritos leigos, mas até em eruditos de valor.

Alguns dos poucos partidários dessa grafia³ etimológica (como lhe chamam) que sepulta a singeleza dos radicais vernáculos sob arrebiques de letras mortas latinas e gregas, escrevendo v.g. *charta*, *disticho*, *thallo*, *sapphira*, *rhythm*, *phthisica*, *salientam*, para justificar o seu retrocesso às formas clássicas primitivas, as baixas origens do velho português, que proveio de modificações, feitas ao latim vulgar por povos ignorantes, e para o qual deve ser, portanto, um aperfeiçoamento o voltar às puras formas do latim literário. E lembram que vocábulos como *fermoso*, *valeroso*, *calidade*, *malencolia*, *vespora*, *pranta*, *contia*, etc., dantes com franco ingresso na literatura, hoje estão fora dela e substituídos por outros mais fiéis, na escrita e na pronúncia, aos modelos originários.

Este retorno às fontes clássicas é um dos resultados da incompleta concepção que tinham os antigos, e ainda têm muitos contemporâneos, acerca da nossa língua.

Não incide, pois, fora de propósito fazer, a este respeito, uma pequenina retificação.

Ninguém já adota aquelas formas apontadas, simplesmente porque as eliminaram o uso. Em si, elas não são piores nem melhores que as suas sucedâneas. Por falso pressuposto, creram-nas más, e trocaram-nas por outras; elas esqueceram e hoje não figuram na língua literária: eis aí tudo.

A prova irrefragável da justeza desta maneira de ver é que outras muitas palavras, que trazem em si a mesma suposta eiva que fez arredar aquelas da circulação, andam por si nos escritos mais apurados, tidas e havidas⁴ como do melhor toque, do mais fino quilate.

3 [Nota do editor] No original está “gráfia”, por erro óbvio.

4 [Nota do editor] No original está “havidos” por erro óbvio.

Pronúncias como *véspera* e *fermosa* resultaram de um fato muito familiar ao linguista: a influência de um som sobre outro.

Quando proferimos a vogal *a*, a língua fica na posição de indiferença; mas se dizemos *é, ê, i*, ela arqueia-se e avança, buscando cada vez mais a abóbada palatina: por isso se diz que o *i* é um fonema palatal.

Na emissão da série vocálica *a, ó, ô, u*, a língua, da posição de indiferença que tem para a prolação do *a*, vai recuando num bolo para o fundo da boca e os lábios se vão aproximando e arredondando, sem contudo fecharem completamente a passagem do ar: os fonemas *o, u* são labiais.

Em latim se dizia *véspera*. Em português já se disse *véspera*, porque a consoante *p*, que é labial - pois se profere afastando-se subitamente os dois lábios que estavam unidos e apertados -, tornou labial a vogal de sua sílaba: o *e* passou a *o* (= *u*). Restaurou-se depois o latim *véspera*, que vingou na língua literária, enquanto a forma *véspera*, sumida entre o povo, ficou ilhada⁵, por isso, como viciosa, só acolhida por ignorantes⁶. Mas todos – ignorantes e sábios – continuam a dizer *víbora*, e rejeitariam as formas *vípera* ou *vibera*, se alguém as propusesse. Contudo, do latim *vípera* se fez *víbora* pela mesma labialização da vogal da penúltima sílaba. O *p* de *vípera* passou a *b* pela conhecida lei fonética: o *p* latino posto entre vogais torna-se *b* em português (*ripa* = *riba*, *cupa* = *cuba*). (Em *véspera* ou *véspera* o *p* conservou-se, por não estar entre vogais.)

A passagem do ditongo *ai* para *ei* e a de *au* para *ou* são fenômenos que se explicam bem pela influência de um som em outro. Na escala vocálica *a, é, ê*, o *ê* está mais vizinho do *i* do que do *a*. Este pode, por atração do *i*, transformar-se em *ê*, e destarte o ditongo que era *ai* ficará sendo *ei*, o que se observa em milhares de palavras: *lacte, laite, leite; primaria, primairo*,

5 [Nota do editor] No original, “ilhada” por erro óbvio.

6 [Nota do editor] No original, as formas *véspera* e *véspera* ora estão acentuadas, ora não. Optamos por uniformizar a grafia acentuada para firmar a pronúncia correta.

primeiro; area, aira, eira. Em alguns vocábulos, como *arraigar* ou *arreigar*, ainda hoje os dois ditongos pleiteiam primazia.

Na outra escala de vogais - *a, ó, ô, u* -, o som *ô* está mais achegado ao *u* do que o *a*; donde a substituição deste por *ô* no ditongo *au*, tornado, por isso, *ou*: *tauru, touro; auru, ouro; paucu, pouco.*

Estes fenômenos de influência fonética são triviais nas línguas. No pitoresco falar do nosso povo os observamos também. Ele tem certa repugnância pelos proparoxítonos, aos quais, para os tornar graves, come um ou mais fonemas. Acontece então que, por via desta síncope, um fonema surdo se vem pôr em contato com um sonoro, e, influenciando neste, o torna surdo, e vice-versa. À palavra música tiram-lhe o *i*, e então o *s*, que representa entre vogais uma consoante sonora (*z*), vai sonorizar o *c* explosivo, ao qual fica contíguo, tornando-o *g*: daí a pronúncia *musga*, que tantas vezes ouvimos à gente rude⁷.

Em *pêssego*, a síncope do *e* átono põe o som surdo, indicado pelos dois *ss*, vizinho da gutural sonora *g*, e, em consequência, esta se ensurdece, isto é, passa a *c*, e o vocábulo fica reduzido a *pesco*, tão comum na boca do nosso povo.

Semelhantemente, *cócega* se transforma em *cócica* (= *cosca*).

Mas um som não tem ação sobre o outro só no sentido de o aproximar de si, de o assimilar. Às vezes, passa-se o fenômeno contrário. De dois sons vizinhos, iguais ou semelhantes, um diferencia-se. É o que os linguistas chamam dissimilação.

Assim, se duas sílabas próximas pertencentes a um mesmo vocábulo contêm ambas um *o*, esta vogal pode, numa delas, passar a *e*. É a dissimilação de *o – o* em *e – o*, que ascende ao próprio latim, segundo se vê em formas epigráficas como *serori* e *seroribus*⁸ por *sorori* e *sororibus*. Com tal dissimilação, o latim *formosu* brotou o português *fermoso*, hoje em

7 [Nota do editor] No original, omitiu-se o acento indicador da crase por erro óbvio.

8 Cornoy, *Le latin d'Espagne*, 1906, p. 100.

ostracismo literário. *Horologiu* (donde tirou o francês seu *horloge*) produziu o nosso *relógio*, mediante a perda da vogal átona inicial e dita dissimilação. Com esta, e mais a sonorização normal do *t* intervocálico e evolução de *u* breve para *ô*, como em *onda* do lat. *unda*, nos veio *redondo* de *rotundu*. (note-se que em latim vulgar já havia *retundu*)⁹.

Se são boas as formas *relógio*, *redondo*, *víbora*, que representam alterações de vozes latinas, são-nos igualmente *fermoso*, *véspera* e outras semelhantes. Apenas estas já não têm curso na língua literária. Foi-lhes adversa a fortuna, como o foi a *calidade* (lat. *qualitate*), *pranta* (lat. *planta*), *sembrante* (lat. *sim'lante*), etc. Mas, cega como sempre, a mesma fortuna favoreceu a *nunca* (lat. *nunqua*), *escama* (lat. *squama*), *pranto* (*planctu*), *obrigar* (lat. *obligare*), e muitas outras palavras nas mesmas condições que as preteridas.

Portanto, é frágil essa razão que os chamados etimologistas invocam para fundamentar a manutenção de letras estranhas em nossa escrita.

As formas vernáculas devidas a alterações fonéticas são em si tão excelentes como as cópias, mais ou menos fiéis, de palavras latinas ou gregas. O uso também apadrinha umas e repele outras. E fá-lo sem nenhum critério: entre *véspera* e *véspera*, optou por *véspera*, mas conservou *víbora*, e entre *porfia* e *perfia*, sincréticas ainda nos *Lusíadas*, escolheu *porfia* e desterrou *perfia*, apesar de mais próxima do étimo *perfidia*.

Simplex questão de sorte, e não de qualidade intrínseca.

9 José Joaquim Nunes, Gramática histórica, p. 464.